

RESENHA

RANCIÈRE, Jacques. O Mestre Ignorante. Cinco lições sobre a emancipação intelectual. 3.^a ed. Trad. Lílian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

Resenhado por Heber Junio Pereira Brasão¹

Resenhado por Mardeli Maria da Mata²

Resenhado por Paulo Victor Antônio Chaves³

Na obra “O mestre ignorante: Cinco lições sobre a emancipação intelectual”, de Jacques Rancière, podemos refletir diante de uma obra de cunho filosófico, a qual traz relevantes considerações sobre a emancipação intelectual dos indivíduos, descrita diante da relação entre a educação e a pedagogia, em que todos os homens têm igual inteligência e a instrução é como a liberdade, ou seja, não é uma dádiva, mas algo a ser conquistado.

A obra está dividida em 5 capítulos respectivamente intitulados: “Uma aventura intelectual, A lição do ignorante; A razão dos iguais; A sociedade do desprezo e O emancipador e suas imitações”, os quais abordam uma relação que foi estabelecida partindo da vontade de aprender dos alunos frente ao desafio proposto pelo educador, não necessitando, para isso, das explicações minuciosas do explicador para construir seu caminho, ou seja, a aprendizagem na perspectiva do mestre foi emancipadora, uma vez que não estava, necessariamente, determinada pela inteligência do professor, não sendo, desta forma, embrutecedora, bem como a discussão de questões fundamentais sobre o ensino, com proeminência ao método "panecastic", ou educação universal, desenvolvido pelo pedagogo Joseph Jacotot, que considerou o principal caminho para emancipação intelectual.

O Ensino Universal compreendia a sociedade partindo do diferente, da diversidade na igualdade. O ensino não era uma forma de homogeneizar, mas partindo da intenção de igual inteligência, imersa em contextos diferentes, materializando de diferentes formas. Nesse sentido, é essencial buscar o todo da inteligência humana em cada manifestação cultural (panecástica), pois o que embrutece as pessoas não é a ausência de instrução, mas sim a interiorização que faz acreditar que têm competências e inteligências inferiores

A saída encontrada por Jacotot ocorreu justamente a partir do livro “Telémaco”, segundo o qual, mesmo que os alunos não tivessem tido nenhuma explicação sobre os

¹ Licenciado em Letras, Filosofia e Sociologia, Pós graduado em Inspeção, supervisão e orientação escolar, Pós graduado em Linguística, Mestre em Educação pela Universidade de Uberaba. Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia na Linha de Pesquisa: Trabalho, sociedade e educação. Coordenador dos Cursos de Ciências Biológicas, Letras e Pedagogia na UNIFUCAMP, Monte Carmelo. MG.

² Graduada em Direito. Mestranda em Educação na Faced/UFU na linha de pesquisa Estado, Políticas e Gestão da Educação.

³ Bacharel em Administração pela UNIFUCAMP. Mestrando em gestão organizacional pela UFCAT- Universidade Federal de Catalão na Linha de Pesquisa Empreendedorismo.

O Mestre Ignorante

primeiros elementos da língua francesa, eles conseguiram superar as suas expectativas, no sentido da apreensão do conteúdo de forma significativa.

Assim, percebe-se a tentativa de compreender essa dialética do embrutecimento e emancipação na obra de Rancière, invertendo a lógica do sistema explicador, pois a explicação tem como papel principal o embrutecimento, não sendo uma educação emancipadora, pois se baseia na explicação.

Dessa forma Jacotot desenvolve um novo método de ensino e aprendizagem não mais baseado na explicação, mas sim na emancipação, que se pode tornar efetiva pela vontade e pelo próprio desejo de aprender, ou mesmo, pelas contingências da situação, sendo que o que de fato embrutece não é a falta de instrução, mas sim a crença na inferioridade da inteligência. Assim, a aprendizagem na perspectiva do mestre foi emancipadora, uma vez que não estava, necessariamente, determinada pela inteligência do professor, não sendo, por conseguinte, embrutecedora.

Mas somente o mestre emancipado pode emancipar outros, pois reconhece nas potencialidades intelectuais de todos inúmeras possibilidades de realizações, sendo a emancipação a consciência dessa igualdade, da reciprocidade dessa relação, da possibilidade de verificação e da igualdade das inteligências entre semelhantes.

Para Rancière, o contrário da emancipação é o *embrutecimento* ou, em outras palavras, a crença no “mito da pedagogia” que afirma serem necessárias explicações para que compreendamos as coisas. A lógica da explicação “é o princípio do embrutecimento que sucede quando uma inteligência é subordinada a outra”, assim, para que a emancipação aconteça, é necessário o mestre ignorante, ou seja, um mestre que ensina aquilo que ignora.

Consequentemente, a obra de Rancière abrange, aspectos filosóficos, pedagógicos e políticos, pois a partir do indagar filosófico acerca do método educativo de Jacotot, voltado para a emancipação intelectual, demonstra como a escola, utilizando os métodos mais clássicos, pode mais embrutecer do que emancipar, visto que, de partida, já concebe que há um abismo que divide a relação entre professor/aluno.

O embrutecimento se dá porque, em vez de emancipar o aluno, respeitar sua liberdade, sua autonomia, respeitá-lo como senhor de seu conhecimento, deixa-o cada vez mais dependente do mestre e, como se não bastasse, cada vez mais certo de sua incapacidade de pensar de forma autônoma, de construir seu próprio conhecer.

Dessa maneira, o essencial no processo de emancipação é que o conhecimento não pode estar desvinculado da realidade que circunda o sujeito e que só partindo de uma filosofia de igualdade, que tem por base a relação do diálogo entre os indivíduos, é que esta emancipação pode acontecer, assim como disse sabiamente Rancière que “quem quer emancipar um homem deve interrogá-lo à maneira dos homens e não à maneira dos sábios, para instruir-se a si próprio e não para instruir um outro”.

Portanto, apesar de Rancière escrever sua obra no século XIX, ainda percebemos em geral na atualidade muitas escolas apoiadas nos métodos tradicionais, na repetição e na descrição, nos estudos conteudistas e na explicação. Nelas se ofertam um processo de aprendizagem antagônico à emancipação, pois reforça as incapacidades do aluno e ignora seus saberes, ao colocar o mestre como sábio e o aluno não, logo, não há igualdade intelectual, sendo o primeiro superior ao segundo.